

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS-ESO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

**LEVANTAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COMARTE
RUPESTRE DA TRADIÇÃO AMAZÔNICA NO MUNICÍPIO DE
MANAUS-AM**

Acadêmico: Cícero Alves Rodrigues

Orientadora: Dra. Gimima Beatriz Melo da Silva

Manaus-AM

2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS-ESO
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

Cícero Alves Rodrigues

**LEVANTAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS COM ARTE
RUPESTRE DA TRADIÇÃO AMAZÔNICA NO MUNICÍPIO DE
MANAUS-AM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Escola Superior de Ciências Sociais - ESO, Coordenação do Bacharelado em Arqueologia como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Manaus-AM

2017

Lista de Imagens

Imagem 1 - Perímetro do município de Manaus.....	18
Imagem 2 - Vista aérea da cidade de Manaus	19
Imagem 3 - Comunidade Missão Novas Tribos do Brasil.....	23
Imagem 4 - Sítio Novas Tribos I sentido Oeste/Leste	25
Imagem 5 - Sítio Novas Tribos I sentido Leste/Oeste	25
Imagem 6 - Cachimbo cerâmica.....	27
Imagem 7 - Cachimbo cerâmico.....	27
Imagem 8 - Lâminas de Machado polidas.....	27
Imagem 9 - Vasilhame cerâmico	27
Imagem 10 - Zoomorfo em Novas Tribos I.....	30
Imagem 11 - Petroglifo Antropomorfo em Novas Tribos I	31
Imagem 12 - Dois Antropomorfos quadrangulares em Novas Tribos I.....	32
Imagem 13 - Quatro Petroglifos Antropomorfos lado a lado em um painel	33
Imagem 14 - Quatro Petroglifos Antropomorfos de formas variadas.....	35
Imagem 15 - Antropomorfo circular em Novas Tribos I.....	36
Imagem 16 - Sinais de vandalismo/inscrições antrópicas.	37
Imagem 17 - Antropomorfo em Novas Tribos I.....	37
Imagem 18 - Petroglifos geométricos em Novas Tribos I.....	38
Imagem 19 - Petroglifos geométricos em Novas Tribos I.....	38
Imagem 20 - Sítio arqueológico Novas Tribos II.....	39
Imagem 21 - Sítio Arqueológico Novas Tribos II	39
Imagem 22 - Antropomorfo em Novas Tribos II.....	40
Imagem 23 - Antropomorfo em Novas Tribos II.....	42
Imagem 24 - Petroglifo zoomorfo em Novas Tribos II	43
Imagem 25 - Jacaré Tinga (Caimancrocodilos).....	43
Imagem 26 - Antropomorfo em Novas Tribos II.....	44
Imagem 27 - Possíveis antropomorfos em Novas tribos II	45

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
1. OBJETIVOS.....	8
Geral	8
Específicos	8
2. JUSTIFICATIVA	9
3. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	10
4. METODOLOGIA	12
5. DESENVOLVIMENTO	13
CAPÍTULO 1:LEGISLAÇÃO BRASILEIRASOBRE PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO.....	20
CAPÍTULO 2: O SÍTIO NOVAS TRIBOS I	23
CAPÍTULO 3: SÍTIO NOVAS TRIBOS II	39
RESULTADOS PARCIAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

RESUMO

A Arte Rupestre da Tradição Amazônica é pouco pesquisada em nosso estado, o Amazonas. Embora existam muitas pesquisas arqueológicas sendo desenvolvidas no estado do Amazonas, tais pesquisas priorizam os sítios arqueológicos ditos cerâmicos que abundam em todas as partes do imenso vale amazônico. Há pouco mais de duas décadas, as pesquisas sobre sítios cerâmicos se intensificaram, causando um êxodo de pesquisadores para o estado do Amazonas que inegavelmente contribuíram para que novas pesquisas trouxessem resultados satisfatórios no tocante à informações sobre o tema em nossa região. Por outro lado a Arte Rupestre por alguma razão foi deixada de lado o que acarretou a perda de muitas informações importantíssimas sobre o tema em nossa região. Nem ao menos informações confiáveis e sistematizadas existem para direcionar ou despertar o interesse de novos pesquisadores em se tratando de Amazonas. Nosso objetivo é realizar um levantamento que identifique a localização desses sítios arqueológicos com Arte Rupestre apenas no perímetro do município de Manaus capital do estado do Amazonas, o que no momento nos revela a identificação de dois sítios arqueológicos o Novas Tribos I e Novas Tribos II. Visitas programadas aos sítios, fotografias dos mesmos e dos petroglifos encontrados em ambos os sítios, localização, preenchimento de ficha específica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN. Propomos uma breve discussão sobre a Legislação brasileira sobre o tema Arte Rupestre e Patrimônio Arqueológico avaliando se as instituições responsáveis cumprem com o que está previsto na Constituição Federal Brasileira e Legislação específica.

Palavras Chave: Arte Rupestre; Petroglifos; Tradição Amazônica, Encontro das Águas.

INTRODUÇÃO

O tema Arte Rupestre no mundo todo é de certa forma, bastante difundido e pesquisado por milhares de investigadores que apresentam os resultados de suas pesquisas em diversos eventos relacionados ao tema ao longo de todos os anos. No Brasil e em especial as regiões Nordeste e Sudoeste, existem inúmeras pesquisas em andamento e um número considerável de investigadores que abordam o tema Arte Rupestre dando bastante ênfase a importância que se deve dar ao tema. A Arte Rupestre pode nos dar informações importantíssimas sobre o modo de vida de populações pretéritas sem, contudo, realizar intervenções que venham a comprometer a estrutura e contextualização desses locais, os sítios arqueológicos com Arte Rupestre. Por outro lado, os sítios arqueológicos ditos cerâmicos, requerem grandes intervenções no solo, na vegetação, na constituição social de uma localidade, o que causa invariavelmente perda de informações relevantes, alterações ambientais e contextuais, bem como, problemas de ordem sociais.

No estado do Amazonas as pesquisas sobre Arte Rupestre são bastante escassas e esparsas temporalmente. Provavelmente isso se dê em razão das grandes dimensões territoriais de nosso estado, aliada a falta de interesse por parte de profissionais da área e órgãos governamentais. Quando falamos em município de Manaus capital do estado do Amazonas, este tema é praticamente inexistente, segundo o levantamento que nós fizemos para desenvolvermos nossa pesquisa. Motivados por essa ausência decidimos realizar um levantamento o mais preciso possível, dos sítios com Arte Rupestre no perímetro do município de Manaus capital do estado do Amazonas. Objetivamos com isso, realizar a identificação dos sítios com Arte Rupestre obviamente, mas também, alertar as autoridades competentes e sociedade amazonense em geral, sobre o quadro de abandono que se encontram esses sítios arqueológicos e o grau de destruição ocasionada por vândalos que alteram, descaracterizam, depredam as gravuras rupestres contidas nesses lugares. Inicialmente foram identificados dois sítios com Arte Rupestre, os sítios Novas Tribos I e II na confluência dos rios Amazonas e Puraquequara, com a

possibilidade de serem identificados mais cinco ou seis sítios à margemesquerda do rio Negro e rio Amazonas, médio rio Puraquequara e em diferentes pontos e no alto do igarapé Tarumã Mirim.

1. OBJETIVOS

Geral

- Identificar se possível for, todos os sítios arqueológicos com Arte Rupestre no perímetro do município de Manaus, capital do estado do Amazonas. Após esse trabalho de identificação pretendemos quantificar esses dados e essas informações para gerarmos conhecimento acadêmico relacionados a Arte Rupestre no município de Manaus.

Específicos

- Identificar o maior número possível de sítios arqueológicos com Arte Rupestre em Manaus;
- Cadastrar esses sítios arqueológicos no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN;
- Produzir informações referentes a esses sítios arqueológicos no tocante a Tradição Amazônica, tipologias e estilos dos registros rupestres encontrados nos mesmos, para tentarmos sensibilizar as instituições públicas e privadas, bem como sociedade em geral e comunidade científica, quanto a importância da preservação e cuidado com o patrimônio cultural do Amazonas previsto em uma vasta legislação em âmbito municipal, estadual e federal.

2. JUSTIFICATIVA

A Arte Rupestre da Tradição Amazônica é pouco desenvolvida e pesquisada no estado do Amazonas. A grande quantidade de sítios cerâmicos parece ser um dos fatores principais para que a Arte Rupestre seja preterida. As publicações científicas sobre o tema Arte Rupestre no estado do Amazonas são praticamente inexistentes. Isso se torna ainda mais problemático quando buscamos esse tipo de informação sobre Arte Rupestre no município de Manaus. Não existe um banco de dados ou uma catalogação dos sítios com Arte Rupestre no estado do Amazonas e muito menos no município de Manaus. Em razão desse quadro é que iniciamos essa pesquisa com o objetivo de identificar, registrar e catalogar os sítios arqueológicos com Arte Rupestre no município de Manaus, para tentar suprir minimamente que sejam as lacunas existentes sobre o tema no Amazonas. Entendemos que de posse desses dados e informações, surgirão pesquisadores interessados em produzir conhecimento científico referente a Arte Rupestre da Tradição Amazônica no município de Manaus capital do estado do Amazonas e que instituições governamentais criadas para promoverem a proteção e salvaguarda dos sítios arqueológicos com Arte Rupestre, realmente se interessem e passem a verdadeiramente desenvolverem projetos no sentido de protegerem o patrimônio arqueológico do estado do Amazonas e do município de Manaus.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

A Arte Rupestre é sem dúvida nenhuma um importante campo de informações que pode ser explorado por pesquisadores para que se obtenham informações a respeito do modo de vida das populações preterias em diferentes e distintas partes do globo terrestre. Onde houver um sítio arqueológico com Arte Rupestre, ali também estarão informações importantíssimas ao alcance do pesquisador, sem, contudo comprometer a integridade desses locais, ao contrário dos sítios arqueológicos ditos cerâmicos que para se obterem essas informações via de regra são necessárias intervenções no solo, na vegetação, deslocamentos de populações tradicionais e etc. Segundo PROUS (1992), diversos pesquisadores do tema Arte Rupestre atribuíam a essas gravuras motivos associados a caçadas, batalhas e até mesmo genealogias. Essa é uma pequena parte das informações que podem ser extraídas ou inferidas desses ambientes, embora no estado do Amazonas e no município de Manaus, as pesquisas sobre Arte Rupestre são praticamente inexistentes.

Outros pesquisadores que se dedicam a pesquisarem os registros rupestres, porém, atribuem e relacionam as gravuras e pinturas rupestres com valores religiosos ou mágicos. Segundo as inferências desses pesquisadores as gravuras ou pinturas estão representando a prestação de culto a um ser mitológico, representando rituais de simpatia para terem sucesso na caça, na pesca entre outras hipóteses.

Neste sentido Henri Breuil (1877-1961) sugeria que a Arte Rupestre tinha conotação mágica e de simpatia, pois para esse autor, os desenhos de animais eram realizados com a intenção de domá-los literalmente em vida, facilitando assim a caça dos mesmos.

Já o alemão Theodor Koch-Grünberg diretor do museu de Stuttgart afirmava que a Arte Rupestre era fruto simplesmente da indolência dos nativos que não tinham preocupação nenhuma com o amanhã e por tanto esses grafismos não significavam absolutamente nada. Por outro lado o italiano Ermano Stradelli sugeriu outro tipo de explicação para esses grafismos. Segundo Stradelli esses grafismos representavam algo significativo e importantíssimo para os nativos como ordens de marchas, possibilidades de

serem encontrados víveres, alimentos em determinados lugares, posse e delimitações de territórios, representações de deuses dentre outras representações.

Porém é necessário ter cautela e nos valermos de fundamentação suficiente, já que muito provavelmente esses pesquisadores se valeram de comparações etnográficas mesmo sabendo da existência de um lapso temporal bastante grande entre os autores das gravuras e/ou pinturas rupestres e as populações contemporâneas.

Todas essas diferentes e distintas formas de percepção da Arte Rupestre por esses pesquisadores de diferentes épocas suscitaram questões extremamente radicais, por um lado alguns diziam que esses grafismos foram produzidos por indivíduos desprovidos de qualquer capacidade intelectual e apenas para ocuparem o tempo. Por outro lado existiam os pesquisadores que afirmavam estarem repletos de significados diversos, tais grafismos, que só poderiam ter sido produzidos por civilizações muito avançadas. As possíveis civilizações que teriam produzidos esses grafismos, segundo alguns autores teriam sido os fenícios, os gregos, ou até mesmo os habitantes da Atlântida.

Discussões e teorias a parte precisamos entender que se não houver interesse em conservar os sítios com Arte Rupestre de nada valerá todas as teorias do mundo, pois mais vale um sítio arqueológico com Arte Rupestre sendo observado *in situ* e *in loco* do que tê-lo apenas em mídias digitais ou nas páginas de um livro. Não conseguimos ver por parte do Poder Público este cuidado com o Patrimônio Arqueológico do estado do Amazonas. Todas essas inferências são importantíssimas sem dúvida nenhuma, mas voltamos a ressaltar que se não forem tomadas medidas urgentes e imediatas, uma fonte importantíssima de informações a respeito das populações pretéritas do estado do Amazonas será destruída em pouquíssimo tempo em nome do progresso e em nome do desenvolvimento.

Madu Gaspar (2003) afirma que esse universo pictórico que envolve a Arte Rupestre não corresponde com as inferências elencadas ao longo de décadas por investigadores de que quem os produziu pelo mundo a fora, inclusive no Brasil, eram seres “primitivos” que vagavam de um lado para outro unicamente em busca de alimentos sem notarem e perceberem o maravilhoso e intrigante mundo que os rodeava.

4. METODOLOGIA

Em se tratando de uma pesquisa de caráter exploratória e bibliográfica, nós realizamos ao menos três visitas programadas aos nossos objetos de estudo durante os anos de 2015 e 2016 e por volta dos meses de outubro a dezembro, no período de vazante do rio Amazonas. Realizamos fotografias dos sítios arqueológicos e dos registros rupestres, fizemos alguns vídeos dos registros rupestres, do ambiente e da paisagem local. De posse dessas informações, consultamos a bibliografia referente ao tema Arte Rupestre da Tradição Amazônica que compreende toda a região Norte e adjacências. Constatamos que no município de Manaus, nada referente à Arte Rupestre é comentado. Isso nos motivou ainda mais a desenvolver e produzir essa pesquisa que de certa forma será um trabalho pioneiro no estado do Amazonas. Essa pesquisa não está finalizada, está apenas começando. Há muito para ser feito e investigado ainda. As grandes dimensões aliadas à geografia de nossa região e falta de apoio institucional tem causado certo atraso em nossas investigações. Ao final desta pesquisa pretendemos lançar uma publicação, mesmo que avulsa, referentes aos sítios com Arte Rupestre no município de Manaus e seus respectivos sítios arqueológicos e seus petroglifos.

5. DESENVOLVIMENTO

A Arte Rupestre da Tradição Amazônica no município de Manaus, capital do estado do Amazonas, é praticamente inexistente no que diz respeito à produção científica, banco de dados e outras fontes de informações qualquer que possam auxiliar pesquisadores, acadêmicos ou até mesmo curiosos no assunto.

Embora o tema Arte Rupestre seja considerado importantíssimo no cenário nacional e mundial, a Arte Rupestre da Tradição Amazônica, específica de nossa região, ainda precisa ser muito explorada, já que no momento, raras são as produções científicas que tratam do tema em todo o cenário acadêmico regional.

“A Arte Rupestre brasileira está dividida em 08 grandes Tradições, por conseguinte em sub-tradições e ou em estilos, dependendo do autor e da região influenciada por determinado autor.” (Prous & Guidon, 1997).

As Tradições são as seguintes: Tradição São Francisco, Tradição Nordeste, Tradição Meridional, Tradição Planalto, Tradição Litorânea Catarinense, Tradição Agreste, Tradição Geométrica e a Tradição Amazônica (Prous, 1992). Esta última a qual foi o foco principal de nossa pesquisa. O interesse de nossa pesquisa está direcionado especificamente a Tradição Amazônica e em especial a Arte Rupestre encontrada no perímetro do município da cidade de Manaus capital do estado do Amazonas.

Em razão das dimensões continentais do estado do Amazonas, onde se insere essa Tradição Arqueológica, além dos outros estados da região Norte e países limítrofes como Guianas, Venezuela, Colômbia e Peru, procuramos delimitar nossa área de pesquisa abrangendo em um primeiro momento, somente o perímetro do município da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas.

Os motivos para tal escolha são diversos, como por exemplo, a falta de apoio financeiro, o que nos impede de abrangermos com nossa pesquisa outros municípios localizados nas cercanias de Manaus. Como por exemplo, Novo Airão, Rio Preto da Eva, Presidente Figueiredo, São Gabriel da

Cachoeira, Santo Antônio do Uatumã dentre outros com sabidamente potenciais sítios com Arte Rupestre em seus territórios.

Outro motivo já destacado anteriormente são as enormes distâncias que temos que percorrer para chegarmos até onde se encontram esses sítios arqueológicos. No caso dos sítios Novas Tribos I e II, durante nossas pesquisas, tivemos que caminhar pelas margens do rio Amazonas por até 4 horas, somente de ida, enfrentando sol intenso, chuvas torrenciais repentinas, fome, sede e outros percalços que ocorreram durante as 04 visitas que fizemos nos anos de 2015 e 2016, entre os meses de outubro a dezembro, bem no ápice da vazante dos referidos anos.

Outros 05 sítios (pedrais) nas cercanias de Manaus deixaram de ser visitados ou investigados devido à impossibilidade de os alcançarmos por terra, pois os mesmos estão localizados afastados das margens do rio Amazonas e só é possível alcançá-los via embarcação do tipo canoa ou bote de alumínio.

Quantos são os sítios arqueológicos com Arte Rupestre no perímetro do município de Manaus? Qual a predominância nos motivos pictóricos? Quais as prováveis técnicas utilizadas na produção desses testemunhos pré-históricos que atestam a presença humana antes da chegada do europeu em nossa região?

Para responder a essas e outras perguntas, buscamos desenvolver uma pesquisa de caráter principalmente exploratória, indo a campo, investigando, perguntando de moradores ou comunitários ribeirinhos das cercanias sobre a presença de pedrais e também contando com nossa experiência regional, pois, devido ao fato de termos morado em comunidades ribeirinhas, já sabíamos onde se encontravam alguns desses pedrais. No entanto, deixamos claro que está pesquisa se encontra no início e há muito ainda a se fazer. Não queremos e nem tão pouco temos a intenção de desfazer ou menosprezar qualquer outra pesquisa que tenha se realizado ou esteja em curso no estado do Amazonas, apenas temos a intenção também de alertar órgãos responsáveis e sociedade amazonense em geral, como anda o cuidado ou não, em relação ao Patrimônio Arqueológico Rupestre do estado do Amazonas.

De posse de tais informações como localizações, registros fotográficos dos sítios e dos vestígios neles contidos, então fomos rever a bibliografia regional referente ao tema Arte Rupestre da Tradição Amazônica para nos

certificarmos de que se tratavam realmente de algo que não havia ainda sido registrado, ou pesquisado, mesmo estando escancarado bem embaixo de nossos narizes de “pesquisadores” há milhares de anos. Utilizamos fontes bibliográficas e documentais referentes ao tema abordado, realizamos como dito anteriormente, visitas programadas aos sítios arqueológicos, fotografamos os petroglifos e a área do entorno dos sítios arqueológicos, quantificamos todos os petroglifos possíveis e visíveis ao nível d’água no período de desenvolvimento dessa pesquisa (out./dez. 2015 e 2016). Nossa pesquisa foi desenvolvida basicamente em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo abordaremos a legislação brasileira concernente a proteção e salvaguarda do patrimônio arqueológico amazonense e ao tema Arte Rupestre.

No segundo capítulo desta pesquisa, o foco principal foi o sítio arqueológico com Arte Rupestre denominado de Novas Tribos I. Buscamos apresentar de forma sucinta, porém, a mais precisa possível, a quantidade e características dos petroglifos encontrados nesse sítio arqueológico, suas possíveis técnicas de produção, além disto, procuramos contextualizar o ambiente e o entorno do ambiente em que se encontra esse sítio arqueológico como sua estrutura geológica, a hidrografia da área, a fauna terrestre e aquática, a flora, e a influência humana na área.

No terceiro capítulo, praticamente utilizamos as mesmas metodologias utilizadas no segundo capítulo. Porém, algumas particularidades como o não contato com a terra firme, pois o sítio Novas Tribos II se trata de uma ilha, e a sua total submersão no período de cheia do rio Amazonas tornam o sítio Novas Tribos II um lugar de difícil acesso quando está emerso, devido estar localizado a uns 100 metros da margem esquerda do rio Amazonas e ter uma fortíssima correnteza em seu entorno.

É importante ressaltar principalmente também que maior atenção é dada aos sítios arqueológicos denominados de sítios cerâmicos, chamados assim por conterem grandes quantidades de vestígios e fragmentos cerâmicos em superfície ou sob o seu subsolo. Outro motivo que a nosso ver contribui para atrair um número massivo de pesquisadores a explorarem os sítios cerâmicos em detrimento dos sítios com Arte Rupestre é a possibilidade de solicitarem Portarias junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional–IPHAN e conseqüentemente ganharem vultosas quantias em dinheiro com

intervenções e/ou escavações nesses sítios arqueológicos denominados de sítios cerâmicos. Os sítios com Arte Rupestre, localizados as margens dos rios no município de Manaus, não oferecem essa possibilidade de escavações devido a sua estruturação geológica e a proximidade dos rios, logo, essas particularidades e impossibilidades afastam os “pesquisadores” da Arqueologia no município de Manaus a explorarem a Arte Rupestre. Esse desinteresse pela Arte Rupestre por parte da maioria dos Arqueólogos causou sérios danos ao Patrimônio Arqueológico Brasileiro ao longo de décadas, pelo fato de que esses locais sofreram atos de vandalismo, destruição, invasão, depredação das imagens pictóricas contidas nesses sítios arqueológicos por parte de indivíduos inescrupulosos. A ausência de pesquisas científicas, produções científicas e fiscalização por parte do Poder Público contribuíram significativamente para que tudo isso pudesse acontecer. O mais grave é que em mais ou menos um século de pesquisas arqueológicas oficiais e não-oficiais no estado do Amazonas, todos esses danos ao Patrimônio Cultural Brasileiro, Amazonense e Manauara continuam acontecendo bem em baixo dos olhos de Instituições Públicas como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Diante desse cenário tenebroso em que se encontra a Arte Rupestre da Tradição Amazônica em todo o estado do Amazonas, nós iniciamos uma pesquisa especificamente sobre Arte Rupestre inicialmente no município de Manaus com o objetivo de identificar, cadastrar e catalogar o maior número possível de sítios arqueológicos com Arte Rupestre.

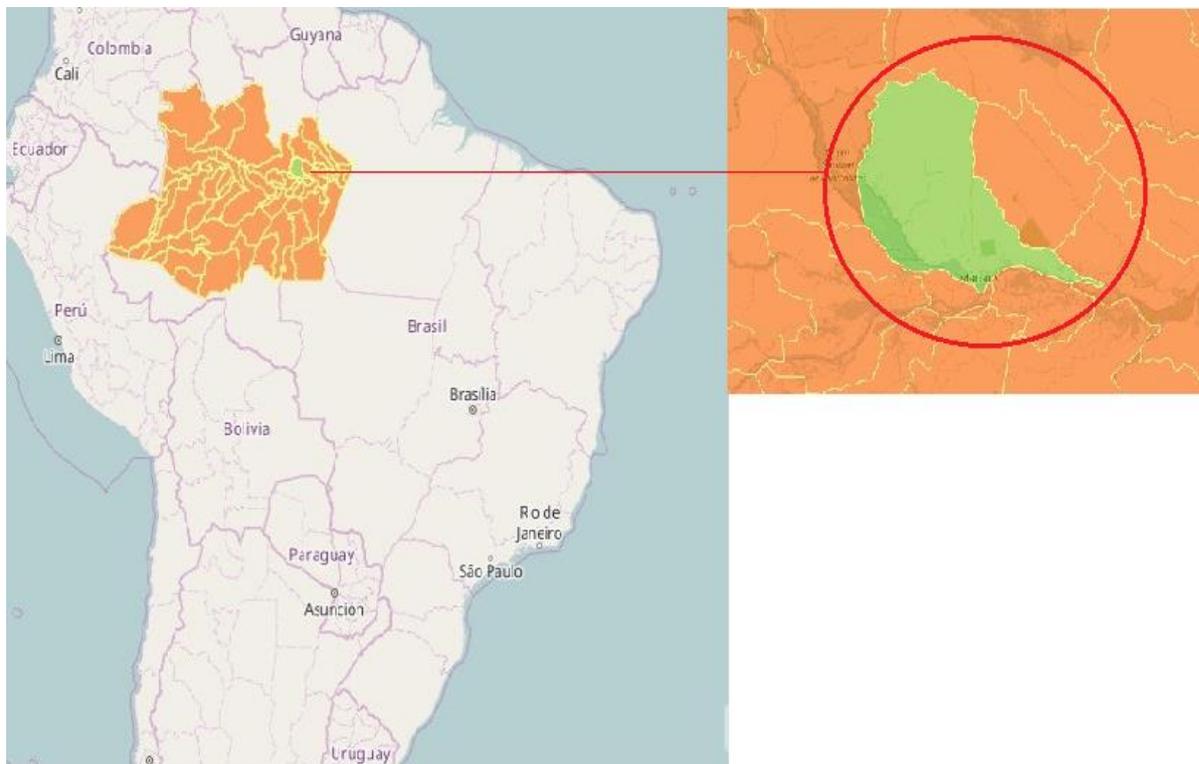
Nossa pesquisa se iniciou em outubro de 2015 com a identificação de 2 sítios arqueológicos com Arte Rupestre dentro do perímetro do município de Manaus, são eles: sítios arqueológicos Novas Tribos I e Novas Tribos II. Existe a possibilidade de serem identificados pelo menos mais 05 sítios arqueológicos com Arte Rupestre na área que compreende a ilha do Marapatá próximo ao Encontro das Águas dos rios Solimões e Negro, formadores do rio Amazonas, se estendendo essa possibilidade até a confluência dos rios Amazonas e rio Puraquequara, onde estão localizados os sítios Novas Tribos I e II. Esses outros possíveis sítios com Arte Rupestre não foram visitados por nós, devido a sua localização ser de difícil acesso e só ser possível alcançá-los através do uso de embarcações, possibilidade inviável para nós nesse período, por não

dispormos de recursos financeiros para custearmos tal visita. No caso dos sítios Novas Tribos I e II, confirmados e identificados, tivemos que caminhar até 4 horas pelas margens do rio Amazonas só de ida ao encontro desses sítios, mesmo assim, foi possível obtermos êxito e chegarmos aos objetos de estudo dessa pesquisa.

Faremos uma apresentação das características de cada um desses sítios arqueológicos como sua estruturação geológica, vegetação, hidrografia, uso desses locais por comunitários, danos e depredações antrópicas causadas aos registros rupestres, bem como, a identificação e quantificação dos Registros Rupestres existentes nesses sítios arqueológicos através de fotografias.

Não foi identificada por nós até o momento, nenhuma produção científica referente ao tema Arte Rupestre que abarque o município de Manaus. Encontramos sim, artigos e pesquisas que foram desenvolvidas em outros municípios como no município de Rio Preto da Eva envolvendo o sítio arqueológico com a nomenclatura de “Caretas” e que foi objeto de pesquisa para a obtenção do título de Mestra em Arqueologia pela italiana Marta Cavallinni com o título de **“As gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: levantamento e análise gráfica do sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas, ano 2014, salvo o engano em relação a data.** Outra pesquisa bastante relevante sobre Arte Rupestre, desta vez na parte oeste do Amazonas no município de Novo Airão, é a pesquisa para a obtenção do título de doutor em Arqueologia de Raoni Vale com o título de **“Mentes graníticas e mentes areníticas: Fronteira geo-cognitiva nas gravuras rupestres do baixo Rio Negro, Amazônia setentrional”**, ano 2012.

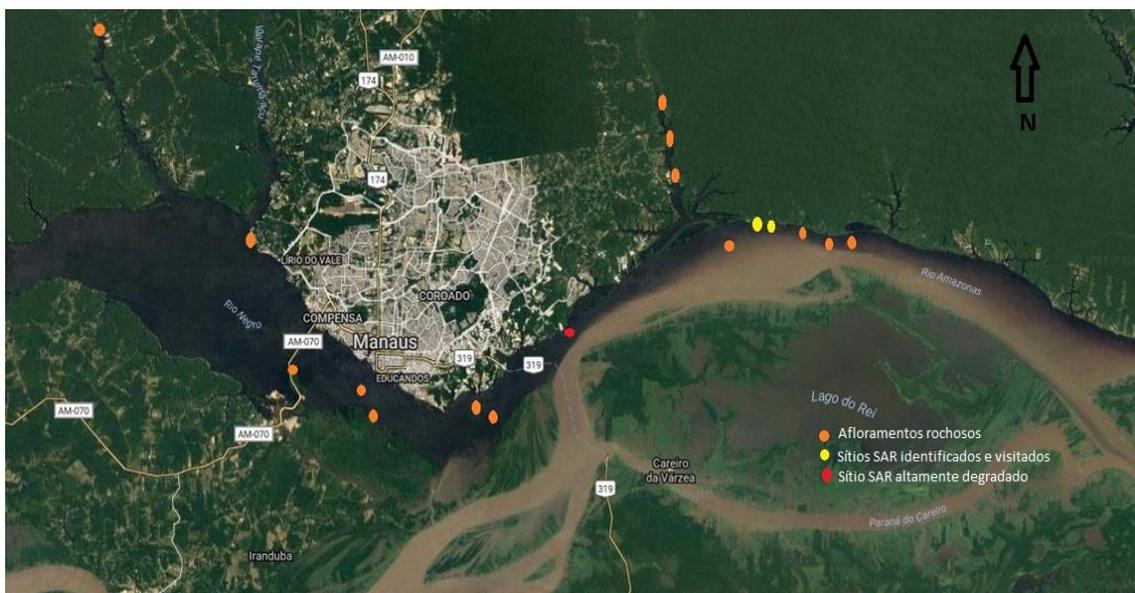
Imagem 1 - Perímetro do município de Manaus



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 28.09.2017

O município de Manaus capital do estado do Amazonas tem uma área de 11 401.092 km² com uma população de 2 130 264 habitantes e a 3.490 km de Brasília, clima tropical amazônico, altitude de 92 metros acima do nível do mar. Faz limites ao Norte com o município de Presidente Figueiredo, ao Sul com Careiro e Iranduba, ao Leste Rio Preto da Eva e Itacoatiara e ao Oeste com o município de Novo Airão. Uma cidade histórica com um notável patrimônio arquitetônico e cultural, onde podem ser encontrados palácios, museus, bibliotecas, templos e teatros. Originalmente fundada em 1669 pelos portugueses com o Forte de São José da Barra do Rio Negro, foi elevada à condição de vila em 1832 com o nome de *Manáos*, em homenagem à nação indígena dos Manáos, sendo legalmente transformada em cidade no dia 24 de outubro de 1848 com o nome de *Cidade da Barra do Rio Negro*. Somente em 04 de setembro de 1856 voltou a ter seu nome atual.

Imagem 2 - Vista aérea da cidade de Manaus



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 28.09.2017

Na imagem acima podemos identificar o município de Manaus e sua área urbana, podemos observar o Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões e o início do rio Amazonas a jusante do Encontro das Águas. Os pontos na cor laranja significam afloramentos rochosos existente às margens dos respectivos rios e que afloram no período de estiagem desses rios. Ainda não tivemos a oportunidade de visitarmos estes locais para constatarmos se possuem registros rupestres ou não. Os dois pontos na cor amarela representam os sítios Novas Tribos I e II. Esses sítios já foram identificados e visitados por nós. O resultado dessa visita é a identificação e o registro fotográfico que se vê neste trabalho. Já o ponto na cor vermelha representa o sítio arqueológico Lages?Ponta das Lages? Ou Daisaku Ikeda? Devido a alta complexidade de identificar corretamente este sítio arqueológico que contém registros rupestres, e por sinal, bastante depredados, os registros rupestres, decidimos não abordá-lo no momento em nossas pesquisas até esclarecermos esse imbróglio todo.

CAPÍTULO 1: LEGISLAÇÃO BRASILEIRASOBRE PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Mundialmente falando, existe vasta legislação jurídica que supostamente e em tese deveria realizar e promover a proteção e salvaguarda do Patrimônio Arqueológico mundial.

O próprio Brasil é signatário em alguns desses documentos que foram criados em parcerias com outros países, visando a preservação, mínima que fosse, da memória coletiva mundial.

Nossa intenção, no entanto, é fazer uma breve exposição e análise crítica neste capítulo, sobre a legislação brasileira aplicada ao Patrimônio Arqueológico Brasileiro, e principalmente no tocante ao nosso objeto de estudo que são os sítios arqueológicos com Arte Rupestre no município de Manaus. Uma das mais antigas referências à proteção do Patrimônio arqueológico brasileiro está contida no Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 que dispõe em seu artigo 1º o seguinte:

“Art. 1º Constituem o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.

O curioso é que logo em seguida, no parágrafo 1º, ocorre uma exigência que de certa forma torna este Decreto-Lei nº 25, um tanto quanto contraditório e confuso. Eis o que está disposto no parágrafo 1º:

“§ 1º Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o art. 4º desta lei”.

Esta exigência de se estarem inscritos em um dos quatro livros do Tombo para que os bens se tornem realmente um bem integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, tem levado a derrocada de milhares de

sítios arqueológicos pré-coloniais ao longo de mais de 500 anos, desde a chegada do europeu no continente americano.

Nos tempos atuais, e na tentativa de amenizar essas lacunas jurídicas na legislação brasileira referente ao patrimônio arqueológico, foi criada a Lei Federal nº 3.924 de 26 de julho de 1961 que dispõe em seu Artigo 1º o seguinte:

“Art 1º Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acordo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal. ”

Já no Artigo 2º que dispõe a esclarecer por parte da autoridade judicial, o que se considera como Patrimônio Cultural Brasileiro, sejam monumentos arqueológicos ou pré-históricos e em relação ao nosso objeto de pesquisa, nos chama a atenção para o que está previsto na alínea “d” do referido artigo, onde a Lei se refere exatamente a Arte Rupestre -“d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios. ”

Após a definição do que são ou de que se constituem o Patrimônio Arqueológico Brasileiro, o legislador determina a proibição de qualquer atividade econômica ou destruição e mutilação dessas jazidas arqueológicas, desde que antes sejam pesquisadas por instituições idôneas e que ao final demonstrem os resultados dessas pesquisas na forma de relatórios apropriados, de acordo com o que está escrito no Artigo 3º da Lei 3.924, como se vê a seguir:

“Art 3º São proibidos em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas *b*, *c* e *d* do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas.”

Após toda a identificação e esclarecimento do que seja Patrimônio Arqueológico Brasileiro o legislador demonstra que as pessoas que cometerem alguma infração contra o Patrimônio Arqueológico Brasileiro poderá e deverá

sofrer sanções penais de acordo com o previsto nos Artigos 4º, 5º desta Lei 3.924:

“Art 4º Toda a pessoa, natural ou jurídica que, na data da publicação desta lei, já estiver procedendo, para fins econômicos ou outros, à exploração de jazidas arqueológicas ou pré-históricas, deverá comunicar à Diretoria do Patrimônio Histórico Nacional, dentro de sessenta (60) dias, sob pena de multa de Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 50.000,00 (dez mil a cinquenta mil cruzeiros), o exercício dessa atividade, para efeito de exame, registro, fiscalização e salvaguarda do interesse da ciência.”

Seguem-se as sanções penais aos infratores como previsto no artigo 5º desta Lei –“Qualquer ato que importe na destruição ou mutilação dos monumentos a que se refere o art. 2º desta lei será considerado crime contra o Patrimônio Nacional e, como tal, punível de acordo com o disposto nas leis penais.”

Essa determinação por parte do legislador fica bem mais evidente no Artigo 29 desta Lei 3.924, que dispõe o seguinte artigo 29 –“Aos infratores desta lei serão aplicadas as sanções dos artigos 163 a 167 do Código Penal Brasileiro, conforme o caso, sem prejuízo de outras penalidades cabíveis.”

Embora o Brasil seja signatário e possuidor de uma vasta Legislação que em tese protege o Patrimônio Arqueológico Brasileiro, nós tentaremos demonstrar ao longo desta pesquisa que em relação à Arte Rupestre, o Poder Público deixa muito a desejar na questão da proteção de seus bens Patrimoniais.

Até o presente momento não constatamos nenhuma ação por parte do Poder Público para que ao menos sejam mitigadas as ações depredatórias que ocorrem nos sítios arqueológicos com Arte Rupestre do município de Manaus. Entendemos que nem ao menos os responsáveis em realizar essa proteção tenham a menor noção de quantos são e de onde estão os sítios com Arte Rupestres do município de Manaus. Nossa intenção é fornecer subsídios e informações para que esses órgãos promovam realmente essa proteção e salvaguarda do Patrimônio Arqueológico do estado do Amazonas.

CAPÍTULO 2: O SÍTIO NOVAS TRIBOS I

Identificado em outubro de 2015, o sítio arqueológico com Arte Rupestre Novas Tribos I está localizado na confluência dos rios Amazonas com o rio Puraquequara, à leste da cidade de Manaus e no porto da comunidade denominada de Missão Novas Tribos do Brasil. As comunidades próximas e do entorno da Missão Novas Tribos do Brasil tradicionalmente a conhecem como “Vila dos Americanos”, devido ao fato de que quando essa missão se instalou na área no início dos anos 1950, contava com um considerável número de missionários estadunidenses.

Imagem 3 - Comunidade Missão Novas Tribos do Brasil



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 08.12.2015

Podemos chegar ao local utilizando “voadeiras”, que são botes de alumínio movidos por um motor de popa. É um transporte extremamente rápido, porém, para tal uso de se deslocar aos sítios, se torna bastante oneroso. Saindo de portos mais próximos dos sítios como os portos do CEASA ou do porto da Vila do Puraquequara, ambos localizados na zona leste de Manaus, uma viagem de ida e volta pode sair a R\$ 300,00 ou R\$ 150,00 respectivamente, levando em conta a proximidade dos portos em relação aos sítios arqueológicos.

O porto do CEASA fica em frente ao Encontro das Águas na zona leste de Manaus, na margem esquerda da confluência dos rios Solimões e Negro, o percurso até os sítios Novas Tribos I e II pode durar mais ou menos uns 30 minutos seguindo exclusivamente o curso do rio Amazonas em sentido oeste/leste pela margem esquerda.

O porto do bairro do Puraquequara, por sua vez, fica às margens do lago homônimo e dista mais ou menos 15 minutos de voadeira pelo rio Puraquequara até os sítios Novas Tribos I e II.

No porto da comunidade Missão Novas Tribos do Brasil (Fig. 1) ocorre um afloramento rochoso da Formação Alter do Chão pertencente ao grupo Javari segundo Kistler (1954) e nos arredores de Manaus esses afloramentos são denominados de Arenito Manaus de acordo com Albuquerque (1922) onde foram produzidos os petroglifos com motivos antropomorfos, zoomorfos e geométricos (Prous 1992). Predominam os petroglifos antropomorfos em forma de rostos humanos e provavelmente é possível identificar expressões faciais de alegria e/ou tristeza nos mesmos. “Além dos motivos pictóricos no sítio arqueológico, podemos perceber centenas de sulcos de polimentos de diversas formas, profundidades e larguras (Mendonça de Souza 1992).”

Diante de tais evidências, podemos afirmar que o local também era uma oficina lítica utilizada pelos indivíduos que habitaram o local na produção de ferramentas empregadas nos afazeres domésticos e/ou armas de uso para a caça no dia a dia desses habitantes.

Alguns biólogos afirmam em seus artigos que as áreas de pedrais localizados às margens dos rios de água branca, são locais de desova e reprodução de dezenas de espécies de peixes da região amazônica. Dispondo de tais informações nos dias de hoje, podemos entender por que esse local foi escolhido para que esse grupo humano estabelecesse um assentamento. Obviamente devido ao fato de o local prover abundante oferta de alimento ou proteína animal aquático (peixes) o ano inteiro, fator preponderante que sem dúvida nenhuma contribuiu para a criação desse assentamento e o estabelecimento dessa população neste local, talvez por séculos e séculos.

Imagem 4 - Sítio Novas Tribos I sentido Leste/Oeste Imagem 5 - Sítio Novas Tribos I sentido Oeste/Leste



Fonte: RODRIGUES, C.A. Em 03.12.2015



Fonte: RODRIGUES, C.A. Em 03.12.2015

As imagens acima (Fig.4 e 5) demonstram que o sítio Novas Tribos I vem sofrendo intenso e contínuo processo erosivo em sua estrutura devido principalmente a três agentes naturais. O primeiro é a ação das águas do rio Amazonas que solapam a parte inferior dessa estrutura rochosa causando o desgaste das mesmas, enfraquecendo suas bases e conseqüentemente ocorrem desmoronamentos, em segundo lugar ocorre o fenômeno da termoclastia que no período em que o pedral encontra-se emerso, sofre com a alternância de temperaturas na região e em terceiro lugar a ação da gravidade que também provoca o desmoronamento das rochas (Winge 2001). Devido a isso, muito provavelmente existem dezenas de petroglifos sob os escombros das rochas que desmoronaram em Novas Tribos I ao longo dos séculos, como podemos observar nas fotografias deste sítio arqueológico.

Muitos barcos regionais e de pesca também atracam no local o que intensifica também a fragmentação dessas rochas. Comunitários de diversos lugares e até da cidade de Manaus utilizam o local como balneário para se divertirem e fazerem piqueniques, tomarem banhos e pescarem. Com isso quebram as rochas para fazerem apoios de suas panelas ou grelhas no preparo de seus alimentos.

Além da grande quantidade de petroglifos encontrados em Novas Tribos I, outras evidências e/ou artefatos foram encontrados e cedidos por moradores da Missão para que pudéssemos ao menos fotografá-los. Sabemos por sermos testemunhas oculares que a área do assentamento da Missão Novas Tribos se trata de uma imensa área com solo de Terra Preta e com milhares de fragmentos cerâmicos sobre o solo e em seu subsolo. Segundo (Woods, 2000) esses solos são o resultado da deposição ao longo de séculos de restos orgânicos por parte dos habitantes desses assentamentos. Em novembro de 2015 fui recebido pelo líder da comunidade que por sorte conheceu meu pai em vida, o que de certa forma trouxe um voto de confiança, além da promessa de não informar nada e nem fotografar a área da comunidade.

Relatou que já confeccionou placas avisando para não danificarem os petroglifos, pois fazem parte de nossa história, cultura e memória. Mas infelizmente, segundo ele, no outro dia quando se enchiam de pescadores no pedral, os mesmos derrubavam as placas para utilizarem como proteção contra a chuva e o sol. Então ele disse que desistiu, mas lamenta muito que toda essa herança cultural do Amazonas esteja sendo destruída pelo próprio homem e pelos agentes naturais.

Em junho de 2017 um morador da Missão nos mostrou um cachimbo de cerâmica com a condição de não o identificarmos. Segundo ele, esse artefato arqueológico cerâmico foi encontrado por um dos moradores mais antigos da Missão Novas Tribos do Brasil por volta dos anos 1980. O morador em poder desse artefato nos cedeu o mesmo para que pudéssemos fotografá-lo e através dessas imagens deste artefato podemos notar a grande habilidade desses indivíduos em produzir um artefato tão complexo como este cachimbo. Obviamente que nós estamos aleatoriamente admitindo que este artefato tenha sido produzido pelos habitantes dos Novas Tribos antes ou durante o contato com os portugueses, ou o europeu em geral. Pode ser válida nossa proposta devido ao grande número de fragmentos e artefatos cerâmicos que são encontrados na área do assentamento da missão Novas Tribos do Brasil, bem como em praias dos arredores.

Imagem 4 - Cachimbo cerâmica



Fonte: RODRIGUES, C.A. Em 20.07.2017

Imagem 5 - Cachimbo cerâmico



Fonte: RODRIGUES, C.A. Em 20.07.2017

Em uma praia na margem esquerda do rio Amazonas a montante cerca de uns 200 metros da Missão Novas Tribos e da foz do rio Puraquequara que durante o período de cheia do rio Amazonas fica completamente submersa, se encontram grande concentração de fragmentos cerâmicos, artefatos cerâmicos e alguns artefatos líticos polidos como Lâminas de Machado podendo ser encontrados e visualizados em plena praia. Trata-se de vasilhames de médio e pequeno porte com diversas formas e pertencentes a distintas tradições cerâmicas. Como esse não é o foco de nossa pesquisa, não trataremos tecnicamente e de forma pormenorizado as cerâmicas encontradas neste lugar. Apenas destacamos a riqueza dessas informações e a proximidade com esse pretérito assentamento onde hoje é a contemporânea Missão Novas Tribos do Brasil.

Imagem 6 - Lâminas de Machado polidas



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 30.11.2015

Imagem 7 - Vasilhame cerâmico



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 30.11.2015

Muito provavelmente, esses testemunhos pertenciam aos indivíduos que habitaram a área onde hoje está estabelecida a Missão Novas Tribos do Brasil, por ser a parte mais elevada do terreno onde o nível das águas do rio Amazonas não alcança durante a cheia do rio.

É de notório conhecimento que os nativos da região amazônica habitavam as terras firmes e também as áreas de várzea. À medida que o nível dos rios ia descendo as comunidades iam levantando novos e temporários assentamentos nas praias e em áreas que posteriormente estariam submersas no período de cheia dos rios. Esse fenômeno se dava em razão da busca de alimento de origem animal, ou seja, os peixes serem bastante abundantes no período de vazante dos rios amazônicos (Neves, 2010).

Com o início das cheias dos rios e conseqüentemente o desaparecimento das praias, essas populações retornavam para as áreas de terras firmes deixando para trás utensílios fragmentados ou inteiros, armas como Lâminas de Machado que se perdiam ou não tinham mais utilidade mecânica para esses indivíduos.

Atualmente, existem inúmeros vestígios e testemunhos de assentamentos de populações pretéritas por todo o estado do Amazonas. Todavia, esse fato ao invés de se tornarem um ponto positivo e de ser motivo de orgulho para essas comunidades contemporâneas como a Missão Novas Tribos do Brasil que se estabeleceram nesses lugares, na verdade, esses vestígios se tornaram um estorvo para essas comunidades. Praticamente todas as comunidades onde se encontram esses vestígios, fazem questão de esconder e de não os tornarem público.

Segundo alguns líderes comunitários, quando ocorrem trabalhos ou pesquisas relacionadas à Arqueologia, as comunidades ou são arrancadas literalmente do lugar em que essas pessoas nasceram e também seus antepassados, onde criaram um vínculo muito intenso com o lugar em que nasceram, ou são sumariamente impedidos de cultivarem suas terras, explorarem os recursos naturais dos quais retiram seus sustentos e de seus familiares.

Como em quase todas as comunidades ribeirinhas do Amazonas, e a Missão Novas Tribos não poderia ser diferente, essas comunidades nutrem

uma aversão imensa por instituições governamentais relacionadas à Arqueologia, bem como por arqueólogos, acadêmicos e etc.

É compreensível essa aversão das comunidades, já que as experiências negativas anteriores sofridas por outras comunidades chegam aos ouvidos desses comunitários que ficam em estado de alerta para não sofrerem o que as outras comunidades sofreram. Por acreditarem que, após os trabalhos arqueológicos realizados nesses lugares, ficariam com uma fatia do bolo ofertado pela “Arqueologia de Contrato”, ou até mesmo, um poço tubular, uma escola, uma horta comunitária, um projeto de irrigação de uma horta comunitária, ou outra contra partida qualquer que trouxesse retorno real a essa comunidade por ter sua área e a vida desses comunitários sumariamente invadidas por pessoas estranhas e alheias a sua vida cotidiana, e que depois de um tempo, somem da mesma forma que chegaram.

De concreto, essa relação entre comunidades e profissionais de arqueologia se dá valorizando apenas a salvaguarda dos artefatos arqueológicos em detrimento das atividades que garantem a subsistência dessas comunidades. No mínimo esses profissionais realizam projetos de educação patrimonial com os comunitários, uma exigência prevista em legislação própria para algumas intervenções arqueológicas, no mais, encerra-se as atividades e começam um jogo de empurra-empurra por parte dos órgãos e instituições governamentais para retirarem os comunitários da área ou impedirem esses comunitários de voltarem a explorarem suas terras, tais ações causam muitos problemas como conflitos armados, problemas de ordem psicológicos e sociais dentre outros.

A seguir demonstraremos alguns petroglifos que foram possíveis de encontrarmos e fotografarmos nas visitas que fizemos aos dois sítios arqueológicos durante os anos de 2014 e 2015. As inúmeras dificuldades como ditas antes nos impediram de realizarmos um trabalho bem melhor esteticamente. Pretendemos melhorar futuramente a qualidade de nossa pesquisa em geral e apresentar informações relevantes e de incontestáveis valores técnico científicos para a comunidade acadêmica, científica e sociedade em geral.

ZOOMORFO

Imagem 8 - Zoomorfo em Novas Tribos I



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Este zoomorfo se encontra no sítio arqueológico Novas Tribos I. Provavelmente se trata da representação de um símio, pois é possível identificarmos a boca, os olhos e grandes orelhas. Apresenta também uma linha meandrica horizontal entre os olhos e a boca.

A possível espécie retratada poderia muito bem ser a espécie do Macaco de Cheiro ou *Saimiri sciureus*, bastante comum nas florestas tropicais da Amazônia. Essa espécie, como outras, costuma ser domesticadas pelos moradores da região amazônica que os tratam como animal de estimação e em alguns casos talvez tenha sido explorado como fonte de proteína animal pelos habitantes do local em épocas remotas (Bicho Nuno, 2011).

A técnica provável para a produção desse petroglifo, pode ter sido o polimento das linhas que formam a gravura rupestre, pois não há sinais de percussão em toda a extensão da gravura, o que caracterizaria a técnica de picoteamento na produção da gravura. Ocorrem em torno da gravura fraturas no painel rochoso, ocasionado pelas alternâncias de temperaturas. Esse fenômeno é chamado de termoclastia, quando ocorrem altas temperaturas durante o período diurno causando a dilatação das rochas e baixas

temperaturas no período noturno o que causa a contração do material rochoso, essa alternância causa a fragmentação sistemática das rochas.

É possível perceber claramente também sobre a gravura rupestre as iniciais do alfabeto romano DMA. Muito provavelmente as iniciais da pessoa que as inseriu nesse contexto ou de um ente querido seu. Aliás, o vandalismo é um problema muito sério pelo qual passam todos os sítios arqueológicos com Arte Rupestre do município de Manaus.

PETROGLIFO- 2

Imagem 9 - Petroglifo Antropomorfo em Novas Tribos I



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Este Antropomorfo quadrangular está voltado para o rio Amazonas em um painel rochoso e tem uma incrível expressão facial.

Aparenta-nos alguém sorrindo ironicamente, e ao contrário de outros antropomorfos, os olhos se apresentam em forma de duas linhas transversais. Provavelmente existe sobre a cabeça um adorno não muito bem evidenciado. Aparenta ter sido produzido através das técnicas de polimento e picoteamento, mas apresenta sinais de deslocamento em algumas partes do seu contorno. Muito provavelmente devido a ação dos agentes intempéricos naturais. Na parte superior do petroglifo ocorre uma fratura na rocha em sentido horizontal o

que pode futuramente comprometer seriamente a gravura. As suas dimensões se aproximam entre os 10cm x 10cm ou 15cm x 15cm. Devido à falta de equipamentos adequados não tomamos as dimensões dos petroglifos e nem suas coordenadas geográficas, o que será realizado em momento oportuno, conveniente e breve.

PETROGLIFO- 3

Imagem 10 - Dois Antropomorfos quadrangulares em Novas Tribos I



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Dois Antropomorfos quadrangulares lado a lado. Na data em que os fotografamos já se encontravam parcialmente submersos na linha d'água do rio Amazonas quando eram encobertos pelos "banzeiros".

Informações de moradores da comunidade Missão Novas Tribos sugerem que existem outros petroglifos abaixo da linha de água que nesta data, 03.12.2015, em que visitamos o sítio, não pudemos mais registrá-los devido o nível de água já tê-los feito estarem submersos. Somente uma grande vazante para constatar se essas informações são verdadeiras.

Estes petroglifos estão voltados para o rio Amazonas e em sentido sudoeste e como a maioria dos petroglifos deste sítio arqueológico, estão direcionados ao pôr do sol.

Provavelmente, abaixo da linha d'água exista um suporte rochoso em que esses indivíduos que produziram os petroglifos se apoiavam para poderem confeccionar os mesmos. O que para nós, sem o nível bem mais baixo do rio Amazonas, seria impossível se fazer sem esse apoio nas rochas, pois a correnteza do rio neste lugar é bastante intensa.

Provavelmente, as técnicas de produção desses petroglifos foram o polimento na confecção do contorno quadrangular das cabeças e bocas, para os olhos, entendemos que a técnica de percussão seria a mais provável a ser utilizada para se alcançar os fins desejados.

PETROGLIFO- 4

Imagem 11 - Quatro Petroglifos Antropomorfos lado a lado em um painel



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

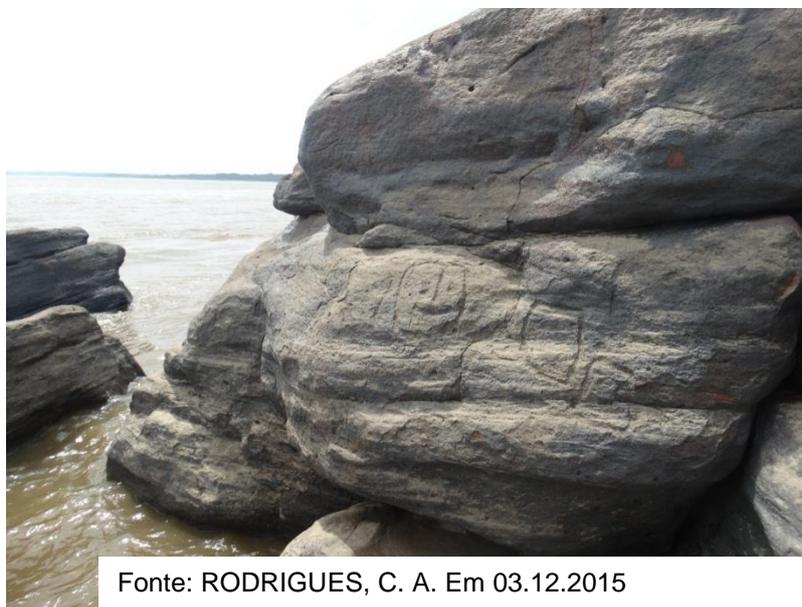
Em um painel direcionado para o rio e em sentido Oeste (Pôr do Sol), estão expostos quatro petroglifos antropomorfos com formas quadrangulares. Ambas as gravuras das extremidades possuem olhos, bocas e narizes, já as duas imagens localizadas no centro, possuem olhos e bocas somente. Ambos os quatro petroglifos estão dispostos em sentido sudoeste.

Provavelmente, duas foram as técnicas utilizadas para a produção dos petroglifos. O polimento na produção dos contornos das cabeças, bocas e narizes e a técnica do picoteamento para a confecção dos olhos.

Os petroglifos sofrem com a ação do tempo e apresentam sinais de deslocamento do suporte rochoso, o que causa alteração na forma das imagens e a impressão de que certas áreas das imagens foram produzidas através da técnica de picoteamento. Infelizmente, devido a nossa impossibilidade de contratar um barco, o que favoreceria o posicionamento no momento da fotografia, só conseguimos fotografar os petroglifos desse ângulo, devido ao local ser de difícil acesso e sua superfície rochosa ser extremamente escorregadia, além de uma fortíssima correnteza, o que nos inspirou bastante cuidados no local. Acima do petroglifo em primeiro plano e no canto superior esquerdo de quem vê a imagem, podemos perceber as letras **RN** do alfabeto romano, um sinal da ação antrópica de vândalos que freqüentam às dezenas o Novas Tribos I, valendo-se da ausência de vigilância e cuidados por parte do Poder Público no tocante a salvaguarda do Patrimônio Arqueológico Amazonense. A área é bastante piscosa, alvo de dezenas de espécies de peixes da fauna aquática de nossa região amazônica que a procuram para desova.

PETROGLIFO- 5

Imagem 12 - Quatro Petroglifos Antropomorfos de formas variadas



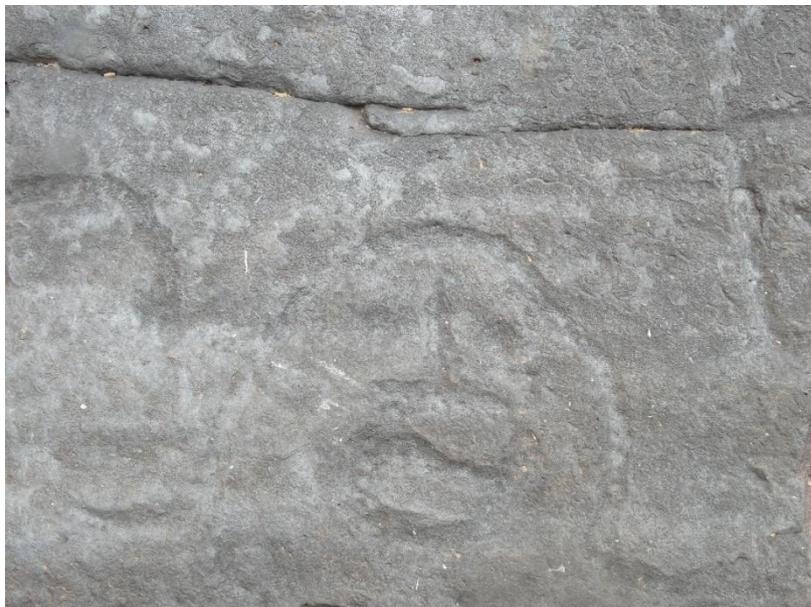
Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Novamente as condições inapropriadas e a impossibilidade de “contratar” um barco não nos permitiram realizarmos uma imagem fotográfica que demonstrasse de forma satisfatória os quatro petroglifos antropomorfos existentes nesse painel. Além da superfície extremamente escorregadia das rochas no local, ocorre uma forte correnteza que o deixa ainda muito mais perigoso e requer cuidados extremos. Estes quatro petroglifos apresentam olhos, bocas e narizes em todos, além de expressarem a idéia de estarem sorrindo. Os sulcos de seus contornos apresentam uma considerável profundidade, o que é uma característica de todos os petroglifos do sítio Novas Tribos I. Estão dispostos lado a lado e em sentido Sudeste.

Sofrem também, a exemplo dos outros petroglifos que compõem os sítios Novas Tribos I e II, o desgaste e deterioração do suporte rochoso, ocasionando a mutilação e descaracterização dos petroglifos. Isso ocorre tanto em virtude da ação dos agentes intempéricos naturais como em virtude da ação antrópica também.

PETROGLIFO- 6

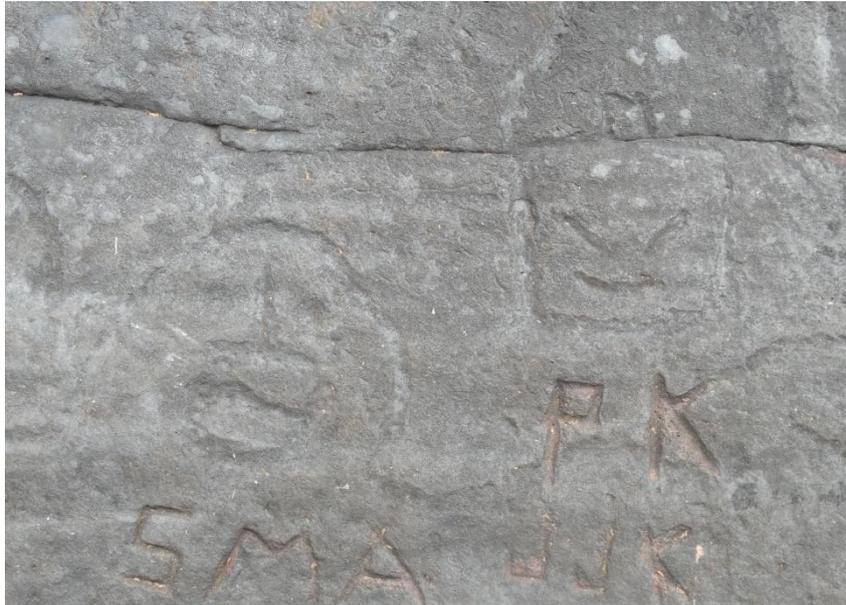
Imagem 13 - Antropomorfo circular em Novas Tribos I



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Antropomorfo circular no sítio Novas Tribos I voltado para o rio Amazonas e em sentido sudoeste, pôr do sol. São perfeitamente visíveis os olhos, a boca e um possível nariz. Provavelmente as técnicas de produção desse petroglifo foram o polimento e o picoteamento. Acima da gravura existem fraturas na rocha o que pode comprometer a estrutura da imagem futuramente. A imagem abaixo mostra o petroglifo acima e outro já demonstrado também neste trabalho. Podemos notar a inserção de iniciais do alfabeto romano realizada por vândalos causando uma descaracterização no contexto original de ambos os petroglifos. Voltamos a ressaltar que em virtude da inoperância e ineficiência por parte do Poder Público e principalmente por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN que nenhuma ação, ao menos mitigadora, realiza para evitar ações como está vista na fotografia contra o patrimônio arqueológico do estado do Amazonas. O resultado é esse que vemos na fotografia, sítios arqueológicos com Arte Rupestre em completo abandono e entregues à própria sorte.

Imagem 14 - Sinais de vandalismo/inscrições antrópicas.



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015.

PETROGLIFO- 7

Imagem 15 - Antropomorfo em Novas Tribos I.



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 08.12.2015

Petroglifo antropomorfo no sítio Novas Tribos I bastante desgastado. É possível distinguirmos ainda os olhos e boca, além obviamente, do contorno da cabeça. A rocha apresenta desgaste natural devido estar exposta as intempéries naturais como a radiação solar e água. Provavelmente, sobre a parte superior da gravura houve a interferência recente, muito provavelmente de vândalos, pois a linha do contorno do petroglifo está muito evidente, tanto horizontalmente como verticalmente. Este é um dos raríssimos petroglifos que se encontram na posição quase que totalmente horizontal, ao contrário da grande maioria que se encontram no sentido da vertical.

PETROGLIFO- 8

Petroglifos geométricos que até o momento não foi possível inferirmos algo sobre os mesmos.

Imagem 16 - Petroglifos geométricos em Novas Tribos I



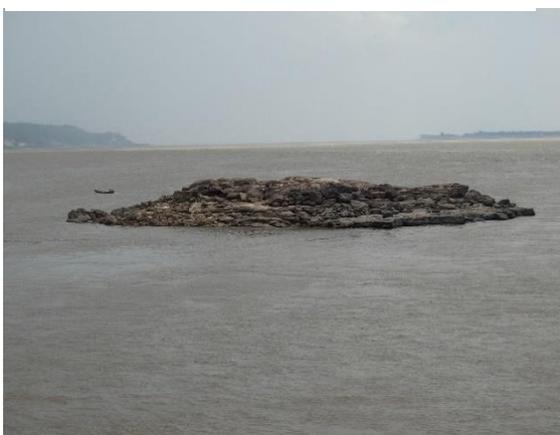
Imagem 17 - Petroglifos geométricos em Novas Tribos I



CAPÍTULO 3: SÍTIO NOVAS TRIBOS II

Identificado também em 2015 com sua localização mais ou menos a uns 100 metros de distância a jusante do Novas Tribos I o Sítio Arqueológico Novas Tribos II se trata de uma “ilhota” de Arenito Manaus que durante o período de cheia do rio Amazonas, fica completamente submersa. (Albuquerque 1922).

Imagem 18 - Sítio Arqueológico Novas Tribos II



Fonte: RODRIGUES, C.A. Em 03.12.2015

Imagem 19 - Sítio arqueológico Novas Tribos II



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

É possível perceber observando as imagens acima (21 e 22) o contexto ambiental que usufruíam os habitantes de ambos os sítios arqueológicos. A proximidade do sítio Novas Tribos II com a floresta. Isso possibilitou sem dúvida nenhuma, uma variedade bastante considerada de fonte de proteína animal tanto terrestre quanto aquática, para que os indivíduos habitantes da área pudessem explorar para o seu sustento.

Curiosamente, até onde se pode ver no horizonte a linha do continente e à jusante do Novas Tribos II, existem mais 4 pedrais como este, mas após uma investigação minuciosa nestes outros afloramentos rochosos, nenhum outro petroglifo foi encontrado, além dos existentes em Novas Tribos I e II. No entanto, sinais e sulcos de polimentos são raramente encontrados nestes outros pedrais, localizados à jusante de Novas Tribos I e II.

Em Novas Tribos II predominam os petroglifos com motivos antropomorfos, mas ocorrem a presença de motivos zoomorfos e motivos geométricos também.

Podemos notar a presença de rostos humanos e a presença de possíveis formas de lagartos ou jacarés, fauna abundante na área. As técnicas de produção dos petroglifos podem variar do polimento ao picoteamento, ou ambas as técnicas juntas. Suas disposições estão direcionadas para o setor Sul da ilha.

Alguns desses petroglifos apresentam sinais de deterioração ou deslocamento, causados pela ação dos agentes naturais, como a ação erosiva da água ocasionando a dissolução dos compostos mineralógicos das rochas durante o período em que o sítio se encontra submerso e durante a seca, período em que as rochas ficam expostas e sujeitas às variações e alternâncias de temperaturas que durante o dia causam a expansão ou dilatação do corpo rochoso e à noite, quando as temperaturas caem, causa a contração do corpo rochoso. Esse fenômeno se repetindo diariamente por séculos, causa o enfraquecimento das rochas levando-as a fragmentação sistemática.

PETROGLIFO- 1

Imagem 20 - Antropomorfo em Novas Tribos II



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Antropomorfo localizado em Novas Tribos II direcionado ao poente (oeste). A imagem aparenta estar representando e expressando uma ação de alegria, é possível também percebermos os dois olhos e uma linha meandrica que se desloca da região lateral de ambos os olhos da imagem. Muito provavelmente as técnicas de produção desse petroglifo foram o picoteamento e posteriormente o polimento para se obter o resultado final. Há sinais de deslocamento também no petroglifo, mínimos, mas existem.

Este petroglifo, a exemplo de todo o sítio Novas Tribos II, no período de enchente do rio Amazonas, fica completamente submerso e sujeito as ações intempéricas da ação hidrológica do rio Amazonas, bem como, durante a seca, ocorrem à ação da termoclastia, causando a expansão e contração do corpo rochoso.

Esta é uma característica dos petroglifos encontrados em ambos os sítios, seja em Novas Tribos I ou Novas Tribos II, sempre estão expressando alguma ação facial.

O Novas Tribos II também é visitado por muitos pescadores durante a seca que atracam seus barcos de pequeno porte e/ou canoas, durante a prática da pescaria, devido ao local ser bastante piscoso, sendo área de desova e de habitat de diversas espécies de peixes da região como a Sardinha, o Jaraqui, o Mapará, a Jatuarana, o Tucunaré e de mamíferos como o Boto que se alimenta de todas essas espécies de peixes, dentre outros da fauna aquática amazônica.

PETROGLIFO 2

Imagem 21 - Antropomorfo em Novas Tribos II



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Petroglifo Antropomorfo localizado em Novas Tribos II. Este petroglifo foi desenhado na posição horizontal e em um bloco rochoso localizado em sentido sul do sítio Novas Tribos II. É provável que o local tenha sido previamente preparado através de polimento para a produção da gravura nesse espaço. É possível claramente percebermos os olhos, a boca e uma linha meandrica em ambas as extremidades do rosto, onde supostamente estariam as orelhas e se dirigem ao centro da imagem formando o que seria um nariz. As técnicas de produção desse petroglifo muito provavelmente foram o picoteamento e o polimento. Nota-se também que boa parte da gravura já sofreu deslocamento do suporte rochoso, comprometendo a estética da gravura rupestre. Não sabemos se esse deslocamento foi causado pelos agentes intempéricos ou pela ação de vândalos que são contumazes em causar danos ao patrimônio arqueológico amazonense nessa área.

PETROGLIFO 3

Imagem 22 - Petroglifo zoomorfo em Novas Tribos II



Fonte: RODRIGUES, C.A. Em 03.12.2015

Petroglifo zoomorfo, muito provavelmente representando um réptil. Como o sítio Novas Tribos II está na divisão entre a floresta de terra firme e a planície Amazônica, esses habitantes do lugar tinham ao seu dispor uma fauna bastante abundante e variada. Essa representação pode evidenciar subjetivamente uma espécie de Jacaré Tinga (*Caiman crocodilos*) por exemplo ou de algum lagarto.

Imagem 23 - Jacaré Tinga (Caimanocrodilos)



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/pedrinhoccn/405737203>

PETROGLIFO 4

Imagem 24 - Antropomorfo em Novas Tribos II



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015

Petroglifo antropomorfo em Novas Tribos II onde são perceptíveis os olhos, nariz, boca e quando se aproxima ou aumenta a imagem é possível percebermos como se estivessem representados dentes pontiagudos na boca dessa gravura. Pode ser a representação de uma máscara ritualística, um ser mitológico pertencente a cosmologia dessa etnia ou simplesmente a representação do rosto humano mesmo. A provável técnica utilizada em sua produção foi o polimento. Na lateral e muito próximo da gravura ocorre uma fratura na rocha que futuramente comprometerá a integridade dessa gravura.

PETROGLIFO 5

Imagem 25 - Possíveis antropomorfos em Novas tribos II



Fonte: RODRIGUES, C. A. Em 03.12.2015.

Na imagem acima podemos identificar dois possíveis antropomorfos. São evidentes os membros superiores e os membros inferiores e o tronco. Algumas pesquisas apontam a não necessidade de existência de cabeças para se caracterizar como um antropomorfo. É necessário, inclusive para nós que realizamos, ou melhor, estamos desenvolvendo essa pesquisa, buscar informações e fontes bibliográficas referentes ao assunto e que venham fundamentar ou refutar tais afirmações ainda não confirmadas.

RESULTADOS PARCIAIS

Até o presente momento, identificamos 2 novos sítios arqueológicos com Arte Rupestre no município de Manaus. Existe a possibilidade de identificação de pelo menos mais 5 sítios com Arte Rupestre nas cercanias de Manaus e mais precisamente a leste de Manaus, às margens do rio Amazonas e área do Encontro das Águas dos rios Negro e Solimões. Os Registros Rupestres encontrados nesses sítios nos fornecem informações bastante relevantes sobre a fauna e sobre expressões faciais humanas expressas nos petroglifos produzidos por esses indivíduos que habitavam esses locais. Contrariando pesquisas anteriores em outras áreas da Amazônia, nesses sítios encontramos petroglifos zoomorfos referentes a fauna de nossa região. Via de regra esses dois sítios estão associados a sítios com Terra Preta, o que sugere se tratar dos mesmos indivíduos que habitavam esses assentamentos e utilizavam os pedrais para pescarem, banhar-se e produzirem suas gravuras referentes ao seu dia a dia ou representando suas cosmologias. Em setembro de 2016 participamos da VI Reunião da Associação Brasileira de Arte Rupestre VI ABAR, em Canindé do São Francisco em Sergipe com essa pesquisa, expondo um banner e este ano de 2017, no mês de maio nos dias 10, 11 e 12, participamos com uma apresentação oral no Congresso Colombiano de Arqueologia na cidade de Barranquilla.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, AN. (2002). **Bases para o Estudo dos Ecossistemas da Amazônia brasileira**. Estudos Avançados. Vol. 16, Num. 45, USP, SP.

BRASIL. Lei Federal nº 3.924 de 26 de julho de 1961. Brasília, DF, julho de 1961.

BRASIL. Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Rio de Janeiro de 1937.

BICHO NUNO, F. (2011) **Manual de arqueologia pré-histórica, Capítulo sobre Zooarqueologia**. Edições 70.

CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). (1998). **História dos índios no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras.

(1998b). Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução, *Mana* 4 (1): 7-23.

CORRÊA, M.V.M. (1994) **As Gravações e Pinturas Rupestres Na Área Do Reservatório Da Uhe – Balbina** – Am. Rio De Janeiro, 187 P. (Dissertação - Mestrado) – Universidade Federal Do Rio De Janeiro.

CAVALINNI, Marta Sara – **As gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: levantamento e análise gráfica do sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas. Uma proposta de contextualização**. São Paulo, 2014.

FERREIRA, A R. (1974a[1783-1792]) **Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura. Usefull method.

FERREIRA, Lúcio M. **Essas coisas não lhes pertencem: relações entre legislação Arqueológica, cultura material e comunidades**. Revista de Arqueologia Pública, n.7, julho 2013. Campinas: LAP/NEPAM/UNICAMP. ISSN: 2237-8294.

KOCH-GRÜNBERG, T. (2005 [1907]) **Dois Anos Entre os Índigenas: Viagens ao Noroeste do Brasil**. Manaus, EDUA- FSDB.
(2010[1907]) **Petróglifos Sul-Americanos**. Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Sócioambiental. Belém-São Paulo.

(2009) **Começos da Arte Na Selva: Desenhos Manuais de Índigenas, colecionados por Theodor Koch-Grunberg em suas Viagens pelo Brasil**. Ed. Universidade Federal do Amazonas.

(2006) **A Distribuição dos Povos entre rio Branco, Orinoco e Yapurá.** Editora da Universidade do Amazonas, Manaus.

MADU GASPAR. **A Arte Rupestre no Brasil**, 2ª ed. Editora Jorge Zahar. 2003.

PEREIRA, E. S. (1990) **As gravuras e pinturas rupestres no Pará, Maranhão e Tocantins, estado atual dos conhecimentos e perspectivas.** Dissertação do Mestrado em História, UFPE. Ed. Universitária, Recife,
(1996) **Las Pinturas e Grabados Rupestres del Noroeste de Pará – Amazônia – Brasil.** Valência, 1996. 2v. Tese (doutorado) – Departamento de Arqueologia e Pré-História, Universidade de Valência.

PEREIRA, Edithe. **Registros Rupestres no Pará. A contribuição de cronistas, viajantes e naturalistas.** CLIO Série Arqueológica nº09-193.

PESSIS, A-M, (1983). **Métodos de análise das representações rupestres.** Cadernos de Pesquisa, série antropológica, II, n.3. Teresina, UFPI, P. 11-39.2.

PESSIS, Anne Marie. **Métodos de interpretação da Arte Rupestre: Análises preliminares por níveis.**

POPPER, KR (1972) **Conjecturas e Refutações – Pensamento Científico.** Editora Universidade de Brasília.

PROUS, A. (1992) **Arqueologia Brasileira.** Brasília, Ed. da UNB.

PROUS, A. et al. (2007) **Brasil Rupestre, Arte Pré-histórica Brasileira.** Zencrane Livros, Curitiba, PR.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros. A Pré-história do nosso país.** 2ª ed. Editora Jorge Zahar.

RIBEIRO, P.A.M. et al. (1986) **Projeto arqueológico de salvamento na região de Roraima, Brasil –segunda etapa de campo – Nota prévia.** Rev. Cepa. (Santa Cruz do Sul), V. 13, N. 16, p. 5 – 48 (1985).

RIBEIRO, P.A.M. et al. (1987) **Projeto arqueológico de salvamento na região de Roraima, Brasil – primeira etapa de campo – Nota prévia.** Rev. Cepa. (Santa Cruz do Sul), V. 14, N. 17, p. 1-81 (1985).

ROOSEVELT, A.C. et al. (1996) **Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of the Americas.** Science, 272:373-384.

ROOSEVELT, AC. et al. (2002) **The Migrations and Adaptations of the First Americans: Clovis and Pré-Clovis Viewed from South America, In: The first Americans, The Pleistocene Colonizations of the New World, N.**

Jablonski, ed. San Francisco: Memoirs of the California Academy of Sciences Number 27, pp. 159-235.

SIMÕES, Mário Ferreira. **Contribuição à Arqueologia dos arredores do Baixo Rio Negro, Amazonas**. Museu Paraense Emílio Goeldi. 1974.

SIMÕES, M. & KALKMANN, A. (1987) **Pesquisas arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas)**. Revista de Arqueologia 4(1): pp. 83-116.

SITE de comp. LICKR: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/pedrinhoccn/405737203>;

SPIX, J.B. Von & MARTIUS, C.F.v. (1976[1823]) **Viagem pelo Brasil**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, são Paulo, Edusp. 3 vol.

STRADELLI, E. (1900) **Iscrizioni indigene della regione dell'Uaupés**. Boll. Soc. Geogr..Ital. V.1, n.37, P.457-83. (2009[1890]) **Lendas e Notas de Viagem – A Amazônia de Ermano Stradelli**. Martins Fontes São Paulo.

VALE, Raoni B. M. **Mentes graníticas e mentes areníticas: Fronteira geocognitiva nas gravuras rupestres do baixo Rio Negro, Amazônia setentrional**. São Paulo, 2012.

Winge, M. *et. al.* 2001 - 2017 . **Glossário Geológico Ilustrado**. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.